CRÔNICA SOBRE O TEMA:
MEU CLONE E EU

Um clone de doze anos

Por Gislaine Buosi

— Poxa vida, mãe! Já não disse que esses tênis estão largos? – foi o que eu disse, a fim de quebrar o silêncio da sala. Estranhamente, não havia sinal de festa, o telefone não tocava. Meu pai lidava na oficina. Minha mãe, na máquina de costura. A ajudante varria o tapete. Ninguém havia se lembrado do meu aniversário de doze anos.

De repente, a campainha tocou. Ouvi uns rumores e, em seguida, minha mãe me chamou, deu-me os parabéns e entregou-me uma caixa enorme, talvez uma bicicleta nova...

Meu pai deixou o serviço, a ajudante terminou a faxina da sala, e todos se puseram ao redor de mim, tamanha a curiosidade.

— Que presentão!

Assim que terminei de rasgar os papéis, um outro eu saltou da caixa, os olhos ainda cheios de sono, os cabelos despenteados... e...

— Uau! Um clone!? Meu clone?!

Era isso: um clone. Usava bermuda jeans e camiseta listrada, meias e tênis largos. O timbre da voz era... o meu!

Eu sempre quis ter um clone – estava certo de que ele seria meu melhor amigo, alguém que não me chateasse, nem me pedisse nada emprestado, um jogador de futebol dos mais espertos, talvez... um garoto que limparia a casinha do Chico, meu gato.

Desde os primeiros dias com meu clone, notei que ele não era, de fato, como eu esperava: era nervoso e, por vezes, gritava com meus pais, com a ajudante; além disso, deixava a toalha molhada em cima da cama, chutava o Chico, batia a porta do quarto. Assim como eu, ela era um péssimo jogador de futebol! Sei lá... aquilo parecia até um espelho enorme que me perseguia.

Não demorou, percebi que minha mãe já não sabia ao certo qual era eu e qual era o clone – ambos éramos iguaizinhos, os mesmos defeitos (um montão!), as mesmas qualidades (nem tantas!).

Enfim.

Antes dos meus treze anos, por sorte, numa manhã de sol, ouvi a campainha – o caminhão da transportadora estava estacionado em frente de casa. Perguntaram pelo clone, levaram-no embora: ele usava o uniforme do colégio, um par de tênis já apertados. Lembro-me de quando ele chegou em casa – tão grosseiro! Na saída, o clone despediu-se de todos nós, trocamos um até-logo bem-educado!